

19-JANEIRO-1958
Preço - 1\$50

NESTE NÚMERO:
A história de
ÂNGELO
- um benfiquista
de "garra"

A man in a red tracksuit stands behind a soccer goal net. The net is made of white mesh and is stretched across a white frame. The man is wearing a red jacket and pants, a light blue turtleneck, and white sneakers. He is looking directly at the camera with a neutral expression. The background is a green field, likely a soccer field.

**CRÓNICA**
Desportiva
N.º 41

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 41 — 19-1-1958

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39 e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR & DIAS, LDA.—Distribuição da AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS — Composto e impresso nas oficinas da E. N. P. (Anuário Comercial de Portugal)

CARA A CARA

Como resolver o problema da II Divisão

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

O campeonato da II Divisão é dos problemas mais cruciantes do futebol nacional, na convicção de que os clubes que o compõem lutam com dificuldades insuperáveis e representam parcela importantíssima do concerto da modalidade.

Não esperemos, mais uma vez, pelo final da época para resolver uma coisa que pode e deve ser estudada antes de se definirem as classificações.

Essa tem sido a alegação das Associações que «mandam» no futebol, e às quais o problema não se apresenta com as características de «vida ou morte», porque têm os clubes da I Divisão a sustentá-las, coisa que não acontece naquelas que só possuem clubes na II.

O problema tem dois aspectos — o desportivo e o financeiro. É difícil conjugar ambos. Tal como tem sido disputado, é uma ruína, e só dá verdadeiro interesse na fase final.

Com efeito, andam catorze clubes durante meio ano ou mais, a lutar por uma classificação que em rigor se limita a apurar os três primeiros (tanto faz que fique 1.º ou 3.º...) e o último, para baixar à III Divisão. E só depois na fase final é que tem realmente importância em ser-se 1.º classificado, e, depois, 2.º.

Quer dizer, o campeonato seria tanto mais perfeito se fosse disputado numa única «poule», como o da I Divisão. Isso é impossível pela questão económica.

E ainda que se suprimisse a fase final, fazendo disputar apenas a final entre os vencedores da zona Norte e zona Sul, ainda seria pior, pois a prova que realmente interessa, a despeito das caras deslocadas é a da «poule» final, devido aos efeitos práticos de que se reveste a competição. E além disso, os torneios das zonas, perderiam o aliciente de se lutar não só pelo 1.º lugar como também pelo 2.º e 3.º.

Posto o problema neste pé, julgamos que o que interessa sobremaneira na 2.ª Divisão, é alargar a competição final e aumentar também o prémio. Em lugar de se dar a possibilidade de subirem dois clubes, que subam três. A própria I Divisão ganharia interesse, pois está provado que os clubes recém-promovidos vêm animar o campeonato. Veja-se o caso do Oriental (ano passado), Sp. Braga, Salgueiros, para só falar nos mais recentes.

Alargando-se a fase final da II Divisão para oito clubes (o alargamento deverá ser feito devagarinho, com todas as cautelas...), caminhar-se-á assim para o processo de «poule» única na II Divisão, somente com a variante de ser precedida por torneios eliminatórios.

Ora, estes torneios (os actuais zonais), podiam também, com vantagem, ser alargados, seja para três ou quatro zonas. Interessaríamos mais clubes, e encurtar-se-ia as distâncias entre eles.

Existe, bem sabemos, um óbice: haveria zonas com clubes mais fortes que outros. O Porto e Lisboa, principalmente. Todavia, nota-se que o Algarve já vai tendo uma força muito apreciável e com três zonas, a distribuição ficaria equitativa. Com quatro zonas, porém, o factor «distâncias» seria favorecido (tanto mais que só por si o Algarve e o Alentejo têm dificuldades de constituírem uma zona).

Nesse caso, haveria duas zonas a dar dois clubes apurados e outras duas a darem três (para prefazer o número de oito finalistas). Como fazer a destrinca? Seria fácil, se não estamos enganados:

As que englobassem clubes recém-despromovidos da I Divisão (portanto os mais fortes) e que apurariam três. Em caso dos três ex-primodivisionários se espalharem por outras tantas zonas, dar-se-ia a preferência às melhores classificadas.

Sob o signo da bola ovoide



Num jogo disputado entre as equipas das Universidades de Cambridge e de Tóquio o triunfo pertenceu aos britânicos... mas com dificuldade...

O RÂGUEBI substituirá o futebol nas escolas inglesas?

Foi Robert Stephens, o novo director da «Grammor-School» de Nottingham quem iniciou a revolução ao introduzir, no seu estabelecimento de ensino, o rãguebi como jogo oficial. A «Grammor-School» de Nottingham é, talvez, de todas as escolas britânicas aquela que praticava o futebol há mais tempo — nada menos do que sessenta anos. Naturalmente, a atitude de Mr. Robert provocou forte reacção entre os «veteranos», cujo grupo de futebol tem grandes tradições na modalidade escolar da velha Albion.

Parece que o caso está a tomar vulto em toda a Inglaterra e a causar alarme nos meios futebolísticos como se depreende da decisão da «Welsh Football Association»

O rãguebi é um jogo duro. Por isso, aguenta!...

em querer saber, com rigor quantas escolas do seu condado tinham adoptado o rãguebi com prejuizo imediato para o futebol.

Um inquérito feito em mil escolas revelou que a maioria delas adoptou o rãguebi como seu jogo-base, ao passo que nas escolas secundárias o futebol continua a predominar.

É certo que o rãguebi tem merecido sempre aos directores das «Grammor-School» uma atenção especial, pela simples razão de ter sido na «Grammor-School» que esta modalidade desportiva se jogou pela primeira vez.

Para Robert Stephens — opinião perflhada por muitos outros directores — o rãguebi tem sobre o futebol as seguintes vantagens:

— Enquanto no futebol são utilizados vinte e dois jogadores, no rãguebi são necessários trinta.

— A rudeza do jogo melhora o físico e estimula a iniciativa.

— O comercialismo a que está lançado o futebol, cujos prémios de transferências e ordenados são verdadeiramente exorbitantes.

Acrescente-se que a maioria dos «ases» britânicos do rãguebi que constituem as seleções universitárias e da Inglaterra têm saído das «Grammor-Schools», citando-se por exemplo os nomes de Ted Woodward e John Currie (capitão da equipa da Universidade de Oxford).

Não te aborreças, rapaz! O rãguebi melhora o físico e estimula a iniciativa...



SUGAR RAY ROBINSON fracassou como bailarino

Como variante à sua carreira de pugilista, Sugar Ray Robinson trocou durante dois anos os «rings» de «box» pelos palcos dos «music-halls», onde actuou como bailarino-excêntrico e cantor.

Porém, se Ray Robinson como pugilista foi considerado o maior estilista do pugilismo mundial, o mesmo não aconteceu como bailarino, em que falhou estrofanosamente.

O ex-campeão mundial dos médios que havia conquistado os parisienses com a sua perfeita técnica pugilística, não recebeu deles mais do que fria recepção quando na capital francesa se estreou como bailarino.

A decepção que Sugar Robinson provocou foi de tal ordem que o seu empresário, para evitar maiores prejuízos sugeriu que Ray devia introduzir qualquer coisa diferente nos seus vulgaríssimos baillados.

Com essa finalidade o famoso negro criou um baillado em que o principal efeito coreográfico era transmitido pelo salto da corda (uma reminiscência dos seus treinos...), o que realmente chego a entusiasmar a assistência, muito especialmente o sector feminino...

Muito pouco para bailarino, como se vê...



SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Eis uma grande equipa, que obteve um resultado histórico. Qual? Como alinhou e quem marcou os golos?

Respostas na página 8.



Bastava um ponto!...

— Bastava um ponto! — parece dizer o chilo-argentino-italiano Michelangelo Montuori, que tem alinhado com a camisola n.º 11 da «Squadra azzurra», ao defesa lateral da Irlanda do Norte, Mc. Michael.

De facto, depois da vitória da Itália sobre Portugal, em Milão, os italianos ficaram à frente da classificação e bastava-lhes realmente um ponto para ganhar direito à viagem para Estocolmo.

A verdade, porém, é que a imagem que reproduzimos não é do recente Irlanda-Itália, mas sim daquele que não valeu, e que só por ironia se chamou «amigável»...



O CICLISMO NO JAPÃO

Uma equipa francesa de ciclismo, comandada pelo veterano e famoso ciclista Louis Gérardin, visitou, agora, o Japão, onde foi recebida delirantemente, com música e flores.

Como nota curiosa diga-se, que, segundo uma tradição bem *cor local*, os corredores franceses (Gérardin, Andrieux, Gérard, Piazza e Ribeyre) prestaram-se à sessão de purificação e exorcismo, exercida por um sacerdote japonês, vestido à moda do seu país e ostentando numa das mãos um ramo de «sasak», árvore sagrada no país das cerejeiras (foto 1).

Depois, floridos de crisântemos, alguns manequins desfilarão em bicicleta, para anunciar o encontro velocipedico franco-japonês (foto 2).

CARA A CARA

(Continuação da página 1)

Assim, já o Porto ou qualquer outro centro não poderia reponer que englobando os mais fortes clubes apurar dois era pouco...

Esta transformação, como já demos a entender, beneficiaria o factor económico, por encurtar as distâncias, mantendo (ou aumentando) o interesse pelo apuramento. É na fase final, havendo mais um lugar a disputar, para se ascender à I Divisão, o interesse não seria menor, contrabalancando vantajosamente, decerto, o maior número de jogos na final.

Outra hipótese, menos imaginativa, e que talvez mereça maior agrado, porque dá menos trabalho e arrisca-se menos, é esta: Deixar-se tudo como está a aumentarem-se os subsídios de deslocação. Elaborar-se uma tabela de modo a beneficiar progressivamente os clubes, consoante as distâncias.

Se uma viagem, Lisboa-Santarém, por exemplo, não causará embaraços de maior, já não se dirá o mesmo de uma deslocação Lisboa-Faro...

A partir de certas quilómetros, a «taxa de auxílio» devia ser aumentada. Como, é que já seria trabalho dos contabilistas da Federação.

Tal como está é que a II Divisão não pode, nem deve, continuar.

BREVEMENTE:

A história de MANUEL FARIA

— o extraordinário atleta do Sporting que venceu de forma memorável a corrida de S. Silvestre.

Narrativa sensacional e profusamente ilustrada



«SE QUER VISITAR PARIS,
LEIA O QUE A CRÓNICA DIZ»

Um concurso da
«CRÓNICA FEMININA»
para a eleição da
«RAPARIGA-PADRÃO 1957»

Todas as raparigas conhecem os grandes cartazes coloridos de Paris, com a Torre Eiffel e o Arco do Triunfo. E muitas sonham com os belos monumentos, os museus e os esfuziantes espectáculos parisienses...

A «Crónica Feminina» lançou há pouco um concurso que, visando eleger a «Rapariga Padrão de 1957», vai também proporcionar a uma das suas leitoras a oportunidade de transformar o sonho de visitar Paris numa realidade de sonho...

Como concorrer? É muito simples...

Entre as leitoras da «Crónica Feminina», dos 18 aos 22 anos, existe certamente aquela que corresponde às condições da RAPARIGA IDEAL.

Através das respostas recebidas aos questionários publicados, a «Crónica Feminina» elegerá a rapariga que vence, nos aspectos sentimental, moral, cultural, recreativo, cívico e profissional, as melhores condições para ser considerada a Rapariga Padrão 1957.

«Se quer visitar Paris, leia o que a Crónica lhe diz» — é o grande concurso do momento. Ainda está a tempo de concorrer. Envie à redacção as respostas francas aos 6 questionários publicados, juntamente com uma fotografia. Depois, aguarde alguns dias e confie na sua personalidade.

O seu sonho de conhecer Paris pode transformar-se facilmente numa realidade...



Pontapé de alívio, no seu estilo característico. Lá está o tradicional lenço à ilharga...



Manuel Marques nasceu em Lisboa em 1 de Agosto de 1917. Rapaz ainda, defendeu as cores do Desportivo do Campo Grande, mas logo o Sporting lhe abriu as portas. Tinha 14 anos quando envergou pela primeira vez a camisola «leonina», alinhando nos «infantis». A sua estreia foi contra o Carcavelinhos na Tapadinha, tendo o «Manecas» (como lhe chamavam) alinhado a defesa esquerdo. Primeiro jogo, primeiro triunfo: 5-1.

Depois, foi a «rodagem» para uma carreira brilhante, em que se multiplicaram os títulos... e as medalhas. Foi «internacional» quatro vezes — duas na selecção B (em Bordeus e na Corunha) e duas na equipa principal, contra a Suíça, em Basileia, e Espanha, no Jamor. Pela A. F. Lisboa, defrontou o Porto duas vezes.

Manuel Marques teve a sua festa de despedida em 1950 — que ficou memorável pelo resultado do jogo Sporting-Benfica: 8-1, a favor dos «leões»...

Todavia, depois da despedida ainda jogou mais duas vezes no Sporting. Uma foi em Coimbra para o campeonato nacional, e com o «Manecas» a defesa direito, ganhando o Sporting por 6-1.

O outro jogo foi mais tarde, já ele nem pensava em tornar a calçar as botas. No campo do Aliança, ali a Campolide,

Em Madrid, depois da troca de lembranças com o capitão do Atlético local. Os «leões» venceram por 6-3.

Do album de

Manuel Marques

o "leão" do lencinho branco...



EM CIMA: Também contra o Atlético de Madrid, mas no Lumiar.

A DIREITA: Neste jogo ganhou o Sporting ao F. C. Porto por 9-1...

EM BAIXO: Terminou o jogo com o Benfica e Manuel Marques sai do campo com dificuldade, amparado a Nogueira e João Cruz. Os «leões» ganharam por 2-1 (Campeonato de Lisboa de 1944).

disputava-se o final de um torneio de reservas, e o Sporting tinha o Benfica por adversário. Por motivos que não vêm ao caso, a equipa «leonina» estava para entrar em campo só com dez jogadores, quando se descobriu entre a assistência o «Manecas».

Escusado será dizer que o Sporting jogou mesmo com onze jogadores e que um deles — o «velho» Manuel Marques, repescado à última hora — foi dos maiores contribuintes para que os «leões» vencessem os «carnados», conquistando a taça instituída.

A «doença» do futebol não lhe passou tão depressa. Durante alguns anos jogou no campeonato da F.N.A.T., na equipa do Grémio dos Armazenistas de Mercearia, onde está empregado.

E, com quarenta anos de idade, alinha ainda... na «Velha Guarda» do Sporting, na qual continua a ser uma das mais seguras peças.

A HISTÓRIA DO LENÇO...

Não concluímos esta resenha sem contar a história do lenço branco, que sempre usou





Matateu com seis bolas — tantas quantas marcou ao Braga, estabelecendo recorde de campeonato.

A ESQUERDA:
Manuel Marques, dezenas de medalhas e... o lenço

EM BAIXO:
Mesmo na selecção nacional, o «Manecas» não dispensava o lenço branco...



Manuel Marques, à guisa de talismã. Ei-la:

Quando era garoto (e o «Manecas» bem cedo começou a sua carreira, como já referimos) eram muitas as vezes que elle aparecia em casa com os joelhos esfolados. Então a mãe dava-lhe um lenço branco, lavado, para limpar o sangue que gotejava dos joelhos. Quando o «Manecas» fez o primeiro jogo no Sporting, ainda nos «infantis», e prevendo já novas esfoladelas, levou para o campo um lençinho. Os «leões» ganharam, o «Manecas» voltou a jogar e a trazer o lenço, e com o tempo tomou-se um verdadeiro talismã.

Todos os anos, no principio de cada época, a mãe oferecia-lhe um lenço, com as iniciais M. M. bordadas a verde — e até ao fim da sua carreira, o popular Manuel Marques usou aquele talismã, que fazia parte integrante do seu equipamento de jogador!



No Crémio das Mercerias, quando o Feliciano, do Belenenses, era colega de secção.

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DESTE NÚMERO

PILHA DE NOMES — Lalo, Tito, Hugo, Juca, Folé, Nuno, Pina, Vale, Gama, Chau, Lito, Rita, Rosa, Luís, João, Faia.

PALAVRAS CRUZADAS — **Horizontais:** 1 — Caraca; Faia. 2 — és; ge. 3 — Luís; ut. 4 — Tu; ias. 5 — Pá; Ruir. 6 — Pina; Mega. 7 — Mota; so. 8 — Mal; VI. 9 — Rã; Falé; in. 10 — Sá; mó. 11 — Obra; Inácio. **Verticais:** 1 — Costa; Mário. 2 — Eu; pó. 3 — Ré; Pité; ir. 4 — As; Ana. 5 — Li; nas. 6 — Águas; Falai. 7 — Eis; le. 8 — Rés; má. 9 — Ar; Hugo; oc. 10 — Ia; vi. 11 — Artur; Pinho.

FOTO-ENIGMA — Primeira vitória (oficial) contra a Espanha, por 4-1. A selecção de Portugal: Capela; Cardoso, Feliciano e F. Ferreira; Moreira e Amaro; Jesus Correia. Araújo, Peirote, Travacos e Rogério.

Boxe e... mulheres

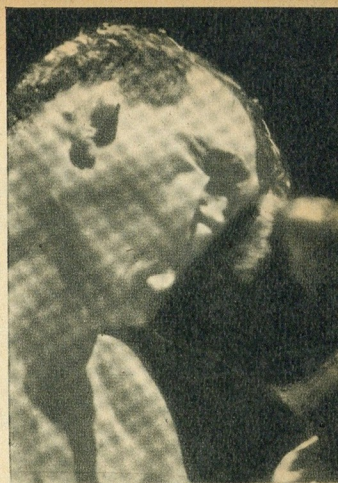
Causou brado o caso de Margaretha Sjölin, de vinte cinco anos, natural de Vernamo (Suécia) casada com o antigo campeão da Europa dos meios-leves (amador) Stig Sjölin, ter pedido à Federação combatas de boxe. A audaciosa sueca, que é apaixonada pelo pugilismo desde muito nova (está explicado o seu casamento com um «boxeur») passou em todos os exames teóricos, após ter frequentado um curso de arbitragem promovido



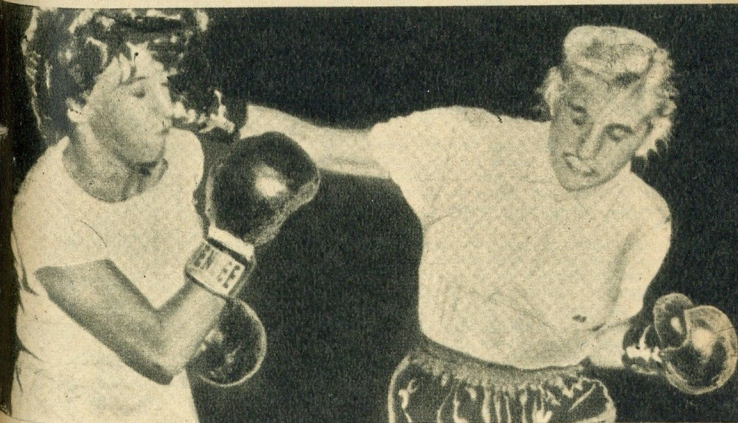
Margaretha Sjölin, que se candidatou a árbitro de boxe perante a respectiva Federação Sueca.

pela Federação de Boxe Sueca. Contudo, para que a senhora Margaretha receba (se não recebeu já...) a respectiva licença indispensável que dirija alguns combates experimentais.

A nova candidata, que tem mais dois irmãos, por sinal também pugilistas ainda há pouco dirigiu um encontro-exibição entre o campeão da Europa dos pesados Ingemar Johansson e o seu irmão Roff.



é um homem, sim. Mas se fosse uma senhora, que «bonito» era, que sedutora ela devia ficar...



...É já que falamos no boxe e do chamado sexo fraco (?), repare-se na forma ardorosa como estas duas raparigas americanas se bateram em renhida luta e como elas pretenderam resolver uma «velha» questão de família...



As saudades do campeão Calhoun

O magnífico corredor de barreiras dos U.S.A., **Leo Calhoun**, campeão olímpico dos 110 metros, em Melbourne e considerado como o único que foi capaz de igualar o estilo inolvidável de Harrison Dillard, não mais será aplaudido pelos Estádios onde se realizam as mais importantes competições de atletismo.

Ele próprio não esconde a intensa saudade que o facto já lhe faz sentir. Qual o motivo? Este, apenas: participou numa emissão de carácter publicitário da Televisão americana e, por isso, foi ridiculamente privado de usufruir a sua condição de amador, aquele amorismo hipócrita que corre Mundo.

Uns escassos dólares estragaram uma carreira e tiraram ao atletismo mundial uma das suas grandes figuras.

Eis Calhoun, em Paris, com a esposa e Bob Feinberg, americano que é vedeta de basquetebol do P.U.C., fitando com saudade uma daquelas barreiras por sobre as quais voava com classe difícilmente de igualar.



**PASSO DE TARTARUGA
PARA UM RECORDE
DE VELOCIDADE**

O formidável recorde mundial dos 200 metros planos, conseguido há meses pela insinuante tri-campeona olímpica Betty Cuthbert (23" 2/10), embora expressando velocidade meteórica foi homologado a... «passo de tartaruga»!

Com efeito, só há dias, na propriedade familiar sita em Sydney, a veloz Betty soube por um jornal que o máximo conseguido fora — enfim! — considerado válido.

É «mamã» Cuthbert que se apressa com a novidade e a loura Betty, sorrindo de felicidade, parece fatigada de tão longa espera, muito mais do que no final de qualquer das suas vitoriosas corridas. E não tardará que a «sprinter» troque o culto das flores pelas pistas de atletismo.

3 «feras» do pingue-pongue

Muito embora os japoneses tenham conseguido, na última meia dúzia de anos, notável supremacia no ténis de mesa mundial, não se esquece o valor dos húngaros, principais adversários dos nipónicos e ainda os n.º 1 da Europa.

Apesar de todas as estranhas contingências a que os húngaros têm estado sujeitos, o número de praticantes do popular pingue-pongue aumenta, melhorando a qualidade.

Em duas imagens aqui vemos as «feras» magiars da bola de celuloide: Sido e Zoltan, confraternizando eufóricamente após um êxito internacional em Estocolmo, e o jovem Z. Berczik num «puxanço» com rótulo de indefensável.

Na próxima competição mundial, qualquer desses três ases do «ping-pong» da Hungria é bem capaz de causar surpresas (nada agradáveis, por certo...) ao campeão japonês Ogimura.





ONZE CICLISTAS PARA 10 CAMISOLAS AMARELAS

Este «onze» de futebol que aqui vêem não é — de forma alguma — um conjunto vulgar.

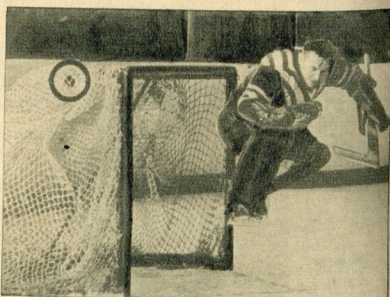
Compõem-no alguns dos melhores ciclistas de França e do Mundo, — com a particularidade de se terem equipados de amarelo, como se todos fossem à frente, e «pedalada» animosa. Todos... excepto o guarda-redes, que esse não pôde envergar o tradicional «maillot-jaune» dos camaradas, para se distinguir deles...

Os cinco dianteiros são: Le Bert, Jean Bobet, Hassenforder (o fantasista que segura a bola e obteve 2 excelentes golos), Max Cohen e Bauvin.

E no segundo plano, a contar da esquerda, encontramos o célebre Louison Bobet (3.º), Raphael Geminiani (4.º) e Jean Forestier (6.º).

Resta acrescentar que o jogo foi contra os jornalistas, que a vitória pertenceu aos corredores por 4-3 e que o árbitro (muito assobiado e com vários «furos») foi o excêntrico futebolista brasileiro Yeso Amalfi.

ESTE HOMEM ESPANTOU OS CANADIANOS



Chama-se Vergeny Erkin. É o guarda-redes da equipa russa de hóquei sobre gelo que acaba de fazer uma «tournee» pelo Canadá, que, como se sabe, é a pátria da referida modalidade.

Os canadianos ficaram espantados, é o termo, com as exhibições acrobáticas de Erkin bem depressa considerado o melhor guarda-redes mundial.

...O que não quer dizer que seja imbatível, como mostra a foto...



A equipa nacional búlgara apresenta-se em campo à moda oriental — todos os jogadores com ramos de flores que oferecerão depois ao público.

O futebol búlgaro em evidência

Durante largos anos vivendo na sombra, o futebol búlgaro sofreu forte transformação após a guerra elevando-se, no conceito internacional, ao primeiro plano. Já lá vai o tempo em que vinha a Espanha e sofria 13 golos...

Hoje, as suas principais equipas de clube saem do país sem receio de ficarem mal vistas, enquanto a equipa nacional bate o pé aos mais fortes «onzes» mundiais.

E, a confirmá-lo, estão bem presentes as dificuldades que a Hungria teve recentemente para eliminar a Bulgária do seu caminho, com vista ao «Mundial» a realizar na Suécia, bem como o empate consentido pela França, no dia de Natal, em França.

Por outro lado, as turmas do C. D. N. A. (Exército) do Lokomotiva de Sofia, do Spartak Lituistov têm alcançado magníficas vitórias contra adversários de grande plano. Presentemente, a selecção nacional anda em digressão pela... Indonésia.



Dr. Bojkov, «capitão» e médio esquerdo, crismado o «Bozsik» da Bulgária.

Kolev, avançado que os seus compatriotas consideram tão bom como Ferenc Puskas.



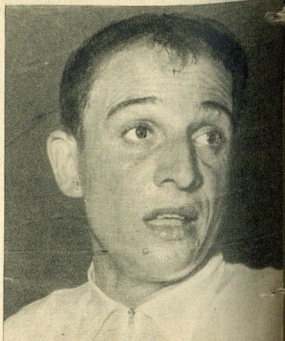
O trio Rivière (actual detentor do «record»), Coppi e Anquetil.

Os 4 homens mais rápidos do mundo em bicicleta

Rivière, Coppi e Anquetil encontraram-se, recentemente, em Paris, no Parque dos Príncipes.

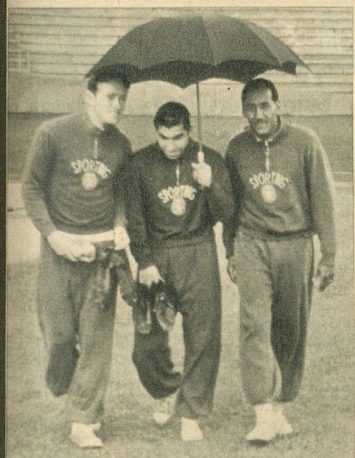
Esta sensacional foto foi tirada durante essa reunião, em que, possivelmente, os três homens mais rápidos do Mundo, em bicicleta, recordaram os «records» da hora por eles batidos sucessivamente.

Como nota curiosa diremos que Jacques Anquetil destronou Fausto Coppi... foi depois destronado pelo italiano Baldini (na foto em baixo), mas viu-se vingado pelo seu compatriota Rivière.



Baldini, o penúltimo recordista.

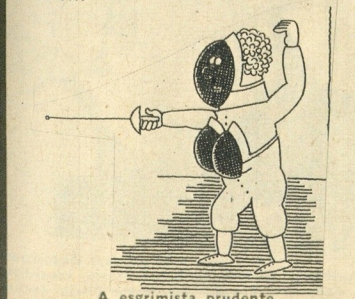
A CAMINHO DO DUCHE



Princípiou a chover e o treinador leonino deu por findo o treino, dizendo:

— Pronto, meus senhores, podem ir tomar banho.

E Travaços abriu o chapéu de chuva, sob o qual se abrigaram também Vadinho e Julius, e o trio caminhou tranquilamente para o «duche». Supõem-se que fecharam o chapéu, quando foram para debaixo do chuvaire...



A esgrimista prudente



PEDROTO em Milão telefonou a Sofia Loren...

— Está lá? É a Sofia Loren?! Muito prazer, querida artista! Daqui fala o Pedreto... Não sabe quem é o Pedreto?! Sou o médio direito da selecção de Portugal que jogou em Milão, não se recorda? Não me viu? Claro, com aquele neveiro eu não via as balizas, como é que a senhora me podia ter distinguido?! Mas posso descrever-lhe o meu retrato... Sou um rapaz simpático — modestia à parte, dos mais «guápos» cá da selecção —, solteiro, e... um dos seus mais ferreiros admiradores! O que pretendo de si? Bem, bem... É que... bem, eu tenho visto vários filmes seus, mas nunca vi nenhum projectado em relevo. De maneira que eu... bem, eu... queria pedir-lhe um autógrafa!

Nesta altura, Virgílio não se conteve, agarrou o Pedreto por um braço e pô-lo fora da cabina telefónica.

DOZE RECORDES MUNDIAIS PARA A AUSTRÁLIA E NOVE TÍTULOS PARA A HOLANDA!



A Federação Internacional de Natação anunciou recentemente, a lista rectificada dos «records» mundiais da especialidade.

Da sua leitura conclui-se que são os australianos que maior número de «máximos» arrecadaram, quer nas provas masculinas quer nas femininas, pois só à sua conta foram registados doze. Entre os seus recordistas deve citar-se a fenomenal Lorraine Crapp, que marcou posição de relevo com quatro títulos.

Imediatamente a seguir com nove títulos vem a Holanda, sendo de acentuar que todos estes «records» foram alcançados por mulheres.

Nas provas masculinas o americano Breen fez também proeza digna de relevo, pois só ele, deu aos E. U. América três títulos: 880 jardas, 800 e 1500 metros.

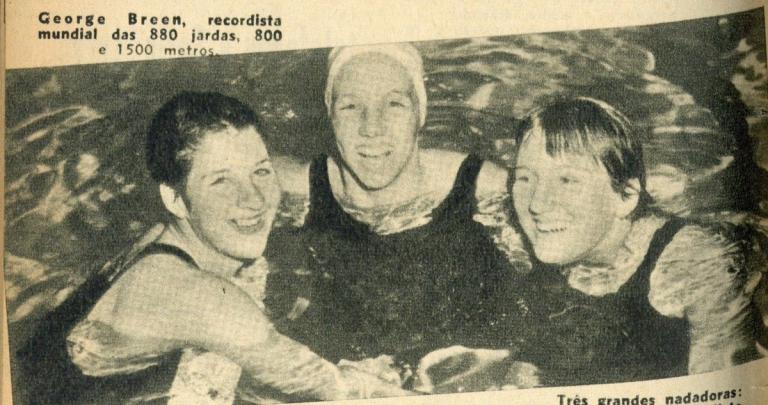
O Japão aparece com dois títulos na lista — um conferido a Ishimoto nos 100 metros «mariposa» e outro à sua equipa de 4 x 100 metros estilo livre.

Com um título temos a China Continental e a Grã-Bretanha.

*

A seguir se publica a lista completa de «records» e a sua distribuição por nadadores e nações:

George Breen, recordista mundial das 880 jardas, 800 e 1500 metros.



Três grandes nadadoras: à esquerda a australiana Dawn Fraser, recordista mundial dos 100 metros livres; ao centro a nadadora olímpica americana Silvia Ruskos e à direita Lorraine Crapp recordista mundial das 720, 440 e 880 jardas e 800 metros.

HOMENS (Estilo Livre)

100 metros: Devitt, Austrália, 54 s e 6/10;
100 jardas: Devitt, Austrália, 55 s e 2/10; 220 jardas: Chapman, Austrália, 12 m 5 s e 8/10;
400 metros: Rose, Austrália, 4 m e 27 s; 440 jardas: Rose, Austrália, 4 m, 27 s e 1/10; 800 metros: Breen, E. U. A., 9 m 19 s e 2/10; 880 jardas: Breen, E. U. A., 9 m, 19 s e 2/10; 1500 metros: Breen, E. U. A., 17 m, 52 s e 9/10; Estafetas 4 x 100 metros: Japão, 3 m 46 s e 8/10; 4 x 200: Austrália, 8 m, 23 s e 6/10.

Brços

100 metros: Lieh Yun, República Popular da China, 1 m, 11 s e 6/10.

Mariposa

100 metros: Ishimoto, Japão, 1 m, 1 s e 3/10.

Costas

100 metros: Theile, Austrália, 1 m, 25 s e 2/10.

MULHERES (Estilo Livre)

100 metros: Dawn Fraser, Austrália, 1 m e 2 s; 220 jardas: Lorraine Crapp, Austrália, 2 m, 19 s e 1/10; 440 jardas: Lorraine Crapp, Austrália, 4 m 48 s e 6/10; 800 metros: Lorraine Crapp, Austrália, 10 m 30 s e 9/10; 880 jardas: Lorraine Crapp, Austrália, 10 m, 34 s e 6/10; 1500 metros: Koster, Holanda, 20 m, 3 s e 1/10.

Brços

200 metros: den Haan, Holanda, 2 m, 51 s e 3/10; 220 jardas: den Haan, Holanda, 2 m, 52 s e 5/10; Estafetas 4 x 100 metros: Austrália, 4 m, 17 s e 1/10.

Mariposa

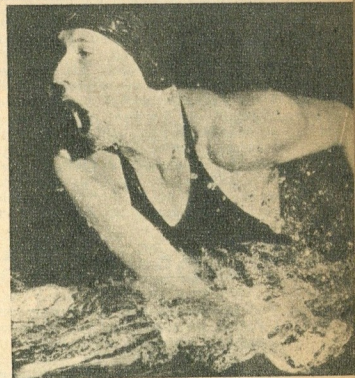
100 metros: Voorbij, Holand., 1 m, 10 s e 5/10.

Costas

100 metros: Grinham, Inglaterra, 1 m, 12 s e 9/10; 110 jardas: Kraan, Holanda, 1 m, 13 s e 2/10; 200 metros: L. Nijs, Holanda, 2 m, 38 s e 5/10; 220 jardas: L. Nijs, Holanda, 2 m, 38 s e 5/10.

Estafetas mistas

4 x 100 metros: Holanda, 4 m e 57 s.; 4 x 100 jardas: Holanda, 4 m e 57 s.



Outra holandesa: den Haan, recordista mundial das 220 jardas e dos 200 metros brços.



A Holandesa Koster recordista mundial dos 1500 metros em plena prova.

HORIZONTAIS: 1 — Jogadores do Lusitano e do Barreirense. 2 — Existes; nome de letra. 3 — Igreja; Jogador da CUF; nota musical antiga. 4 — Prov. pess.; caminhavas. 5 — Utensílio; desmoronar-se. 6 — Jogador do Oriental; dirigente da A. F. Lisboa. 7 — Antigo «internacional» do Estoril; isolado. 8 — Calamidade; seis. 9 — Batrácio; jogador do Lusitano; pref. de negação. 10 — Guarda-redes do Sporting; pedra do moíno. 11 Trabalho; Jogador do Beneluxens.

VERTICAIS: 1 — Jogadores do Sporting e do Salgueiros. 2 — Pron. pessoal; Rio de Itália. 3 — Acusada; antigo jogador casapiano; distar. 4 — Campeão; nome de mulher. 5 — Moeda chinesa; defeito. 6 — Jogador do Benfica; pronunciar. 7 — Aqui está; soletrar. 8 — Cabeças de gado; novíça. 9 — Clima; jogador do Sporting; partícula do dialecto provençal. 10 — Caminhava; observei. 11 — Jogadores do Benfica e do F. C. Porto.

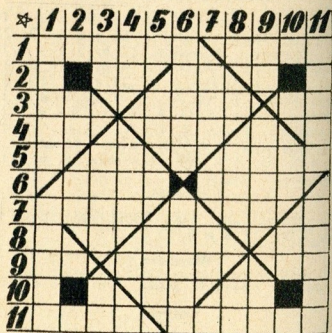
PILHA DE NOMES

Preenchendo os pontos por letras, encontrará nomes de jogadores que actuaram no campeonato nacional de futebol da I Divisão, em curso: A maior dificuldade do passatempo consiste em achar todos os nomes, pois são possíveis várias combinações. Exemplo: o primeiro pode ser LITO ou LALO. Se não acertar, errará no outro...

L
 . I
 C A
 L
 U
 P
 A M
 U
 T
 I
 R
 U
 Á
 A



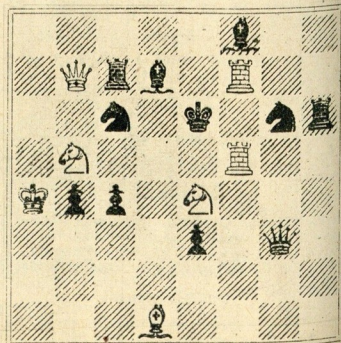
PALAVRAS CRUZADAS



XADREZ

J. G. LLAMAS
(Espanha)

1.ª pr. B. C. F. — 1950



Mate em dois lances

TRADIÇÃO DOS ÚLTIMOS CINCO ANOS...

O F. C. PORTO vai empatar no ESTÁDIO DA LUZ?!

É a vez do F. C. Porto empatar no Estádio da Luz! Desde 1953, que se alternam as derrotas e empates dos portugueses no campo dos «encarnados».

Em 1952-53, ganhou o Benfica. Em 1953-54 empataram. Os «encarnados» venceram em 1954-55, mas voltaram a empatar em 1956. Na época anterior, o Benfica tornou a ganhar. Por isso dizemos, que é a vez doutro empate...

É curioso verificar que recuando alguns anos, vamos encontrar a mesma percentagem. Em 1948, o Benfica venceu. No ano seguinte, houve empate, seguido de nova vitória dos «encarnados». Sucede que em 1951, o F. C. Porto não se limitou a empatar, como parece mandar a tradição mais recente. Canouh mesmo. Então, o Benfica desforrou-se com juro, ganhando dois jogos seguidos. E desde então têm-se registado os resultados alternados que já referimos.

Não acontecia assim de há uma dezena de anos para trás. De 1934-35 a 1947-48, ou seja em catorze anos seguidos, o F. C. Porto só conseguiu uma vitória, contra treze do Benfica!

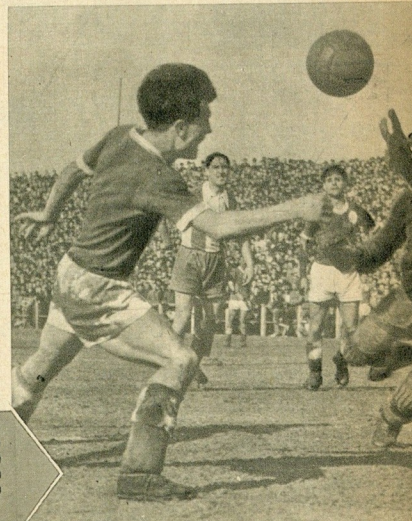
E com resultados como 12-2 em 1942-43; 7-2 em 1944-45; 6-0 em 1936-37; 5-1 em 1935-36 e 1941-42; e 4-0 dois anos seguidos em 1946 e 47.

Ultimamente (últimos nove anos), os «encarnados» ou empatam ou ganham pela tangente, salvo em 1951-52, em que a vitória se cifrou por 2-0.

Aprecie-se a evolução dos re-

sultados, para o Benfica, desde os campeonatos das Ligas: 3-0, 5-1, 6-0, 3-1, 4-1, 2-3 (D.), 3-2, 5-1, 12-2, 6-3, 7-2, 4-0, 4-1, 1-1, 3-2, 0-2 (D.), 2-0, 2-1, 2-2, 1-0, 1-1 e 3-2.

Dois únicas vitórias do F. C. Porto, portanto. E 18 vitórias do Benfica, e 3 empates. Teremos, pois, hoje, 4.º empate, ou 19.ª vitória dos encarnados, ou, ainda, 3.º triunfo do F. C. Porto? Uma coisa é certa: há terceiros interessados no resultado... E o campeonato ainda pode dar muita volta!...



Arsénio (que saudade, para os benfiquistas, vê-lo também postado na actual lista dos «marcadores») um despique com Barrigana. Bonita imagem, por sinal. Data de Março de 1947 e o Benfica ganhou então por 4-0.

IMAGENS DOS JOGOS BENFICA-F. C. PORTO



EM CIMA:

Um golo, com a cabeça de Teixeira — um dos sete que o Benfica marcou nesse dia cinzento para o F. C. Porto.

*

AO CENTRO:

Saida (aparentemente em falso) de Barrigana.

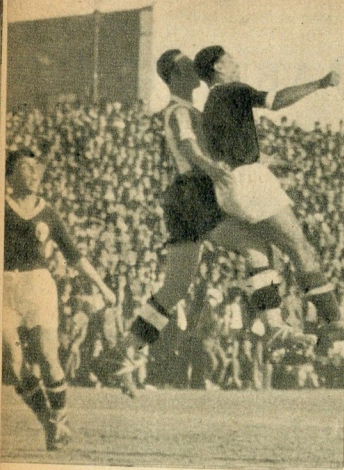
*

EM BAIXO:

Mais outro golo do desafio dos 7-2...



Alfredo antecipa-se a Júlio.



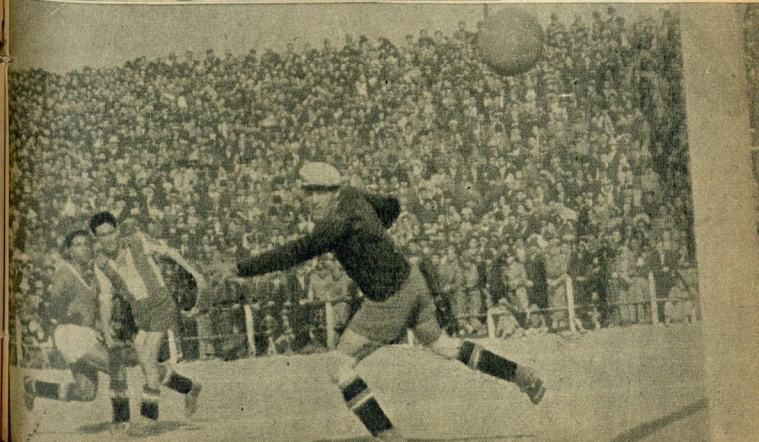
EM CIMA:

Espírito Santo salta bem acompanhado por um adversário.



DIREITA:

rancisco Ferreira, um ex-F. C. Porto, que era um gigante.





Não há dúvida, que Arsénio é um rapaz muito mais comedido do que Ângelo... Ei-lo, em cima, no Estádio do Maracanã a cumprimentar, mas com um clássico aperto de mão, a «Miss Brasil» de 1953 — quando o Benfica visitou pela primeira vez o país irmão.

Que raiva que deve fazer agora a Arsénio rever esta página e pensar na oportunidade perdida...

ÂNGELO SEMPRE GOSTOU DE MORANGOS...

Isto de ser «capitão» do Benfica sempre tem as suas vantagens...

Assim concluiu Ângelo, quando depôs um beijo na mimosa face de «Miss Brasil», no intervalo do jogo com o Salgueiros, há coisa de dois meses.

Tereseinha Morango — é o nome da beldade — sorriu, complacente. E Ângelo (mãos nos quadris por causa das tentações, que ele sempre gostou de morangos...), não teve rebuço algum, antes pelo contrário, em repetir a cena... para os fotógrafos.

...E mais de dez mil pessoas tornaram a invejar o Ângelo!



CRÓNICA
Desportiva

APRESENTA

- ★ IRRADIADO AOS 16 ANOS!
- ★ DUAS VEZES GRATO AO BENFICA
- ★ ERAM TRÊS IRMÃOS FUTEBOLISTAS
- ★ ÂNGELO, JOGADOR «CORPORATIVO»...
- ★ O HOMEM QUE O DESCORRIU PARA O BENFICA MORREU NO DIA EM QUE ÂNGELO SE INTERNACIONALIZOU.



EM CIMA: Em acção no campo do V. Setúbal. Inácio ficou sem a bola...

A DIREITA: Ângelo — e o seu tipo de jogador de raça

a história de
ÂNGELO





A ESQUERDA: Ângelo jogava a todos os lugares no Aventino...

EM BAIXO: Ângelo na «tropa» — o trilhó que o levou para o Benfica

Irradiado! — que palavra tão esquisita para um rapaz de 16 anos, para quem a vida desportiva despontava ainda, e o sentido das coisas não assumira, para ele, até então, aspectos muito transcendentes.

A princípio, o jovem Ângelo Martins não apreendeu a extensão daquele veredicto, um veredicto terrível que punha fim a uma carreira desportiva que... oficialmente ainda não começara, sequer!

Irradiado! Ângelo firmou-se melhor no significado daquela palavra a que se ligara o seu nome. E compreendeu. Compreendeu que nunca mais podia jogar futebol, como aqueles «ases» que por vezes via actuar, aos domingos, no «Lima» principalmente.

Aquela revelação entristeceu-o. Mas não lhe tirou a vontade de comer...

Aos 16 anos, regra geral, não se tem a percepção tão nítida dos reveses da vida. As mágoas passam mais depressa, ante tanta solicitação à juventude...

Mas afinal que crime tinha cometido o Ângelo Martins, para tão novo, o arredarem do mundo dos desportos, como se padecesse de mal contagioso?

Apenas isto: o Ângelo «burlara» a lei desportiva — com a inconsciência dos seus verdes anos, e a consciência de pessoa adulta dos seus dirigentes. Ele não tinha idade suficiente para jogar nos juniores do Académico. E vai de jogar com um nome suposto — de um jogador qualquer legalmente inscrito e que lhe «emprestava» a sua identidade.

Para Ângelo isso não era pecado por aí além. Considerava uma patética não o deixarem jogar oficialmente, só porque tinha 16 anos, mas tendo mais corpo do que muitos rapazes de 18 que por lá andavam nos juniores.

Claro, que um rapaz de 16 anos pensasse assim, com a despreocupação própria da



A caminho de Madrid, com a selecção de Lisboa

pouca idade, ainda vá. Mas alguém, com incomparavelmente, mais responsabilidades, induzira-o àquela falta, e com a obrigação, do cargo que ocupava, de conhecer as graves sanções a que o jovem atleta se expunha.

Mas essa pessoa foi mais longe ainda — cometeu falta ainda maior. Assinou a ficha de Ângelo Martins em nome deste, e enviou-a para a Associação, para o inscrever nos juniores do Académico.

Mas entretanto, o rapaz fora ao F. C. Porto para fazer a vontade a um tio que era «portista» 100 %.

Ora aconteceu que Ângelo tinha justamente jogado contra o F. C. Porto, numa final de juniores (com falsa identidade já se vê). E no clube dos «azuis e brancos» reconheceram-no, ficando, porém, espantados como é que um jogador que não tinha idade ainda para jogar nos juniores pudera ser já adversário do F. C. Porto!

Cândidamente, Ângelo contou como fizera. Houve um franzir de testas. O caso era grave — nanja para Ângelo, claro, que não via um mal por aí além no subterfúgio que usava para poder jogar a bola, de que tanto gostava...

Denunciar o jovem jogador equivalia a Perdê-lo — terão pensado os «portistas». E

de resto o assunto não era nada com eles. O F. C. Porto ganhara a tal final. Ângelo retomava a sua verdadeira identidade e seria inscrito legalmente, e pela primeira vez, na Associação respectiva.

Como é óbvio, o Académico não tinha direitos sobre o jogador, pois utilizara-o sempre sob um nome suposto. O Ângelo Martins — com este nome — não lhe pertencia.

E a ficha, assinada por Ângelo, a solicitar inscrição no F. C. Porto, seguiu para a Associação.

Parecia que o pecadilho de Ângelo passaria ao ostracismo. Mas a verdade vem sempre ao de cima...

Na Associação estava outra ficha de Ângelo Martins — para o Académico, a tal que o dirigente deste clube forjara. Tudo acabou por se descobrir — a falsa identidade anterior de Ângelo, a responsabilidade do dirigente, enfim tudo aquilo ensombrava tão cedo a carreira do prometedor futebolista.

Houve inquérito. O tal dirigente foi irradiado. O Ângelo também.

Pareceu-lhe um castigo demasiado severo, proibiram-lhe jogar futebol por toda a vida, só porque iniciara a sua carreira

antes do tempo (já que na dupla ficava com o seu nome não tinha responsabilidade).

Como dissemos já, Ângelo ficou triste quando percebeu o alcance daquela esquisita palavra — irradiado — mas só com o andar dos tempos o desgosto o foi avassalando. Quando foi verificando, em cada época que passava, que o «futebol grande» lhe estava para sempre interdito, que para satisfazer a sua paixão pela bola, tinha de se limitar a jogar nos campeonatos corporativos.

E em cada jogo que Portugal fazia alinhar a vistosa equipa das quinas, o Ângelo Martins pensava que jamais poderia destruir tamanha honra, por muito talento que tivesse a jogar à bola...

Só então avaliava as consequências da sua leviandade em pactuar com artimanhas para iludir a lei, e do joguete que tinha sido nas mãos de quem tinha por obrigação mostrar-lhe, a ele, que pouco mais que uma criança era, o caminho do dever, e

quanto desporto deve ser em todas as circunstâncias, uma escola de lealdade.

Nunca mais ninguém lhe ligou — em quatro anos de vida à parte do futebol federativo. Depois apareceu o Benfica.

Céptico, o Ângelo mal queria acreditar que houvesse um clube grande, para mais estranho à sua terra, que o quisesse reabilitar. Foi isso que o Benfica fez. Recuperou Ângelo para o futebol. E ofereceu-o, mais tarde, à própria selecção nacional!

É por isso que o Ângelo é todo «benfিকা». Que sente a camisola que enverga, como elemento nado e criado no ambiente benfiquista — ele que é portuense, e que para o Porto irá um dia, quando o Benfica não precisar mais dele...

— Estou duas vezes grato ao Benfica! — disse-nos, em dada altura desta narrativa, o fogoso jogador — Porque não só me deu a honra de representá-lo como me recuperou para o futebol!

EM BAIXO: Três imagens de uma tarde passada no Jardim Zoológico de Lisboa, com Artur, Palmeiro e Salvador



ERAM TRÊS IRMÃOS FUTEBOLISTAS

Narramos à guisa de introito, o que foi a faceta mais importante — quiçá única entre os «internacionais» portugueses de futebol — da carreira de Ângelo Martins. É a altura de darmos a palavra ao nosso biografado e recolher as suas memórias. As da infância, por exemplo.

— Nasci no Porto, em 19 de Abril de 1930. O futebol foi a minha paixão, desde miúdo, como, aliás, a dos meus irmãos...

— Conhecemos o Germano, que joga no Salgueiros. Que é feito dele, que não tem jogado, e o outro irmão? — obteremos...

— Germano fracturou um menisco e vai ser operado. O outro, Acristo, jogou no Académico do Porto, mas como o clube enveredou pelo amadorismo, e ele precisa de encarar a sério o emprego que tem, desistiu de jogar.

E acrescentou: — Aliás, o nosso pai foi, no seu tempo, jogador de futebol. Jogava no Continental F. C., clube do nosso bairro, que disputava os campeonatos da promoção. Foi também director desse clube e o campo de basquetebol tem o seu nome — Reynaldo Martins.

AQUELA FATIDICA FINAL DE JÚNIORES...

— Comecei a jogar nos campeonatos escolares da M. P., sendo campeão durante três anos. Cursava então a Escola Comercial Faria Guimarães.

— Algum colega desse tempo que se tivesse notabilizado no desporto? — inquirimos.

— Recordo-me apenas de Oliveira, que jogou no Sp. Espinho.

EM CIMA: O jogo contra o Milão, na «Taca Latina». É golo e Ângelo não chega a tempo

AO CENTRO: Ângelo vai tomar um golo... de vinho. — Fazem-lhe companhia: Calado, Caiado e Zézinho

EM BAIXO: Momento de folga, no Hotel das Termas, na Curia





Estas duas imagens mostram a origem do golo que Angelo marcou em Évora. Vital foi estorvado por Águas e ambos estatelaram-se no solo. José da Costa aliviou mas Angelo, que seguira toda a jogada rematou de cabeça para dentro da baliza



— Continuando...
 — Estudei até ao 3.º ano. Não era mau estudante, mas uma vez...
 — Que sucedeu?
 — Faltei a um exame para ir disputar uma final onde nunca devia ter comparecido, já porque influiu na minha decisão de abandonar os estudos, já porque... eu não tinha idade para alinhar nos juniores e fui reconhecido no F. C. Porto.

Já contamos a história. Acrescentemos que nessa final o F. C. Porto venceu o Sp. Espinho por 3-1 e que Angelo jogou a defesa central.

FUTEBOL «CORPORATIVO» E «POPULAR» PARA ÂNGELO

Narrado o episódio que motivou a irradiação de Angelo, indagamos acerca da repercussão que o caso teve na sua vida.

— Meu pai foi o que ficou mais triste. Ele ignorava toda aquela trapalhada e sendo pessoa muito considerada no meio comercial, penalizou-o bastante o caso, que foi muito falado no Porto.

E continuou:

— Dando-me a escolher entre continuar a estudar e o trabalho, preferi a segunda hipótese. Passei então a ajudá-lo na gerência da oficina de calçado, que possui, tanto mais que ele se ausentava frequentemente, em viagens de negócios.

— Quanto ao futebol...

— Não podendo jogar oficialmente, passei a alinhar num clube popular, o Atlético Clube Monte Aventino.

Depois, o filho do dono da Fábrica Rarinho, convidou-me a ir para lá, para jogar nos campeonatos corporativos, o que fiz até ir para a «tropas».

No famoso lago de Como, na Itália, com Águas, «Mão de Pilão» e o dirigente José Ricardo Domingues



Recordação da primeira internacionalização

Ao sábado jogava nos corporativos (era médio de ataque) e ao domingo nos «populares» (a todos os lugares).

COINCIDÊNCIA IMPRESSIONANTE

Angelo prossegue:

— Aos 20 anos fui apurado para a «tropas» e destacado para o Regimento de Cavalaria 4, de Santarém.

E foi aí que o Benfica me foi buscar!
 — Como se passaram as coisas? — pediu-me a Angelo para nos esclarecer.

— Um benfiquista que morava no Porto — sr. «Neca», era como lhe chamávamos — soube da minha história e creio que a transmitiu ao sr. Abílio dos Santos, antigo contratador também muito conhecido nos meios benfiquistas.

Houve uma pausa.

— Coitado do sr. «Neca»! — lamentou Angelo — Ele já tinha trazido para o Benfica o Francisco Ferreira e o «Julinho» e o seu sonho, como disse várias vezes, era ver-me na selecção nacional.

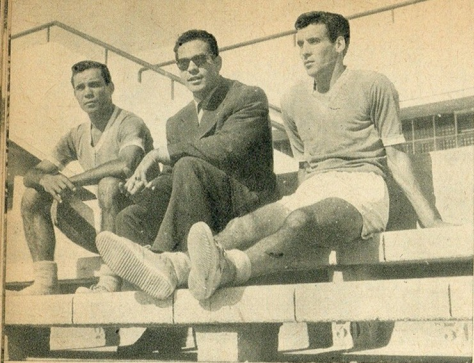
— Morreu, não é verdade?

— Sim, no dia em que fui «internacional, pela primeira vez, em Viena de Áustria! Sucumbiu a uma operação cirúrgica e já não pôde dar-me os parabéns, nem ver-me vestir a camisola das «quinas»...

A IDA PARA SANTARÉM TALVEZ TIVESSE SIDO A SORTE DE ÂNGELO — E DO BENFICA...

Arrancamos Angelo da abstracção em que mergulhara, ao meditar nos mistérios da vida, e a narrativa prossegue:

— O sr. Abílio não me conhecia pessoalmente, mas foi a Santarém fa-



Trios defensivos do Benfica: Jacinto, Artur e Angelo...

lar comigo. Falou-me no Benfica. Concordei imediatamente até porque o clube me era simpático, mas pouco fiado que pudesse levantar-me o castigo.

— Afinal...

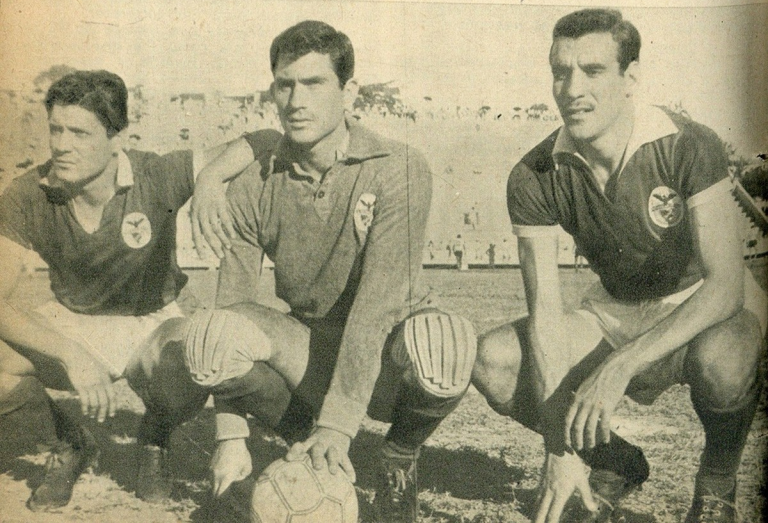
— Sim, o assunto foi bem tratado. Pessoas influentes souberam advogar a minha causa, e estou-lhes grato por isso, embora compreenda que o fizeram... pelo Benfica. Pago-lhes servindo o nosso clube o melhor que posso e sei...

Angelo dissera uma verdade — uma verdade muito humana, leal, como é próprio do seu carácter.

Continuou, já sem necessidade de perguntas:

— Fiz uns treinos no Campo Grande. A convivência com a gente benfiquista, o acompanhar a carreira da equipa com mais interesse, tudo aquilo me foi conquistando. Se em dada altura me dissessem que não era possível a

...e Calado, Bastos e Angelo



amnistia, sentiria sincera pena, não só pela morte das minhas esperanças de voltar ao futebol, mas principalmente por não poder lutar por aquela camisola «encarnada» a que me afeiçoara só de treinar...

Proseguiu, entusiasmado com a reme-niscência desses dias de incerteza:

— Um dia, no quartel de Santarém, ao ler o jornal dei com a grande notícia: fora amnistiado! Pouco depois, um telefonema do Benfica, confirmava a notícia. Foi uma alegria!

Pudera...

O F. C. PORTO TAMBÉM O QUERIA MAS... A PALAVRA DE ANGELO É SÓ UMA

— Se bem nos recorda o F. C. Porto também chegou a tratar da sua amnistia e pretendia-o nas suas fileiras — observamos.

— De facto, o F. C. Porto interessou-se por mim, e oferecia-me até um contrato mais vantajoso. Mas não. Para mim seria uma deslealdade, pois foi o Benfica que

tentou pela primeira vez recuperar-me para o futebol. A minha palavra é só uma. Além disso... eu já me tornara benfiquista, e isso, mesmo nestes tempos de profissionalismo, tem muita importância, mais do que muita gente pensa...

— Foi rápida a sua ascensão ao primeiro «team»?

— Não. Tive que esperar pela minha vez. E, entretanto, ajudei a «reserva» do Benfica a conquistar duas taças...

— Da sua estreia no Benfica, recorda-se?

— Foi na festa de Francisco Ferreira, na equipa de reserva que venceu o V. Setúbal por 1-0... Joguei a médio esquerdo.

FINALMENTE NA 1.ª CATEGORIA DO BENFICA — E DAÍ POR DIANTE...

— E quanto à estreia na 1.ª categoria?

— Foj um jogo com o Belenenses, que vencemos por 3-1. Pouco depois realizei boa actuação contra o Dinamo de Zagreb, nas Salésias, e daí por diante tornei-me «titular» da 1.ª categoria.

— Quem era o treinador nessa altura?

Venda de bilhetes para um festival a favor do estádio. Ao lado de Angelo, está Moreira





— Foi quando a equipa esteve sob a orientação dos srs. ten.-cor. Ribeiro dos Reis e José Simões.

E acrescentou:

— Depois, veio o sr. Otto Glória, e «puxou-me» para defesa esquerdo, para substituir, então, o Fernandes, que fracturara o menisco.

— Custou da troca de lugar?

— Angelo sorriu e confessou:

— Para ser franco, a princípio estranhei, mas disciplinado como sou esforcei-me por acertar. Hoje... é o lugar de que gosto mais!

O resto da história de Ângelo é bem recente e conhecida. Tendo-se estreado na selecção nacional na Áustria, como já referimos de relance, voltou mais tarde, primeiro na selecção B, para substituir Vicente, durante o jogo com o Sarre, e depois na digressão ao Médio-Oriente, tendo alinhado em quase todos os jogos desde então.

QUANDO O ANGELO MARCA GOLOS...

Formulamos as últimas perguntas. Todavia, quando o interrogamos acerca de quais foram as suas tardes mais alegres e mais

tristes. Angelo não especificou, preferindo dar-nos a seguinte resposta:

— Para mim, todas as tardes em que o Benfica ganha são as mais alegres e quando perde, as mais tristes.

Mas, como insistimos em que nos lembrasse algum desafio de que guarda especial recordação, o defesa esquerdo dos «encarnados» disse-nos:

— Recordo dois, em que marquei golos com influência decisiva para o resultado...

— Ótimo. Diga...
— Na ante penúltima jornada do campeonato de 1955, estávamos empatados com o Barreirense (0-0), quando a seis minutos do fim marquei um golo que nos deu a vitória.

Não teríamos sido campeões nesse ano se não fosse esse triunfo...

— O outro?

— Foi em Évora, no mesmo ano. Nos últimos segundos do encontro, deu-se tudo por tudo e tive a sorte de apanhar uma bola a jeito... Uma cabeça dada com todas as ganas — e golo!

— Qual foi o jogador até hoje mais difícil de segurar, Ângelo?

— Garrincha, da selecção do Brasil que enfrentámos no Rio de Janeiro.

Por último, inquirimos:

— Que pensa fazer quando abandonar o futebol?

— Julgo que voltarei ao Porto, onde tenho a minha família, e onde poderei organizar melhor a minha vida comercial. Mas... até lá, ainda há-de passar um bom par de anos, pois estou aqui para «lavar e durar» e enquanto o Benfica necessitar dos meus serviços contará comigo!

A SEGUIR

A história do académico
MÁRIO WILSON

JOSÉ CARLOS DELFIM

Naturalidade — Lisboa

Clube: Olhanense

Estreia internacional: contra a Espanha, em 17 de Maio de 1925, em Lisboa.

Internacionalizações: 4, contra Espanha, Itália, Checoslováquia e França.

EDUARDO MÁRIO MOURINHA DE ALMEIDA

Naturalidade — Caxias

Clube: Sporting

Estreia e único jogo internacional: contra a Bélgica, em 31 de Maio de 1931, em Antuérpia.

ARTUR AUGUSTO CAMOLAS

Naturalidade — Setúbal

Clube: Vitória F. C.

Estreia internacional: contra a França em 16 de Março de 1927, em Lisboa.

Internacionalizações: 4, contra França, Itália, Espanha e Bélgica.

HENRIQUE PORTELA

Naturalidade — Lisboa

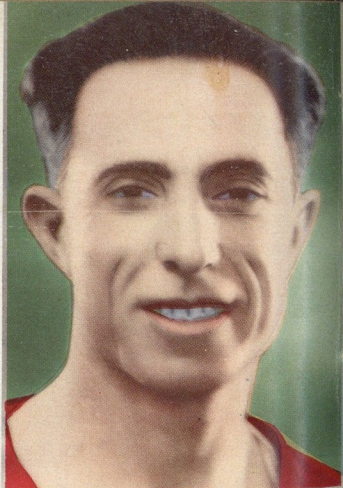
Clube: Sporting

Estreia internacional: contra a Espanha, em 17 de Dezembro de 1922, em Lisboa.

Internacionalizações: 2, contra a Espanha.



EDUARDO MÁRIO MOURINHA



JOSÉ CARLOS DELFIM



HENRIQUÉ PORTELA



ARTUR AUGUSTO CAMOLAS